
A representação LGBTQIAP+ em “A Maldição da Mansão Bly”¹

Lucas Fontanella FERRAZ²
Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, SP

RESUMO

O presente artigo analisa a representação LGBTQIAP+ na minissérie "A Maldição da Mansão Bly" sob a perspectiva de estigmas e estereótipos. Através da análise de dois episódios, destaca como a personagem Dani enfrenta a culpa relacionada à sua sexualidade e vivência passada, sendo assombrada por fantasmas internos. O estudo explora a complexidade das narrativas queer, evidenciando a presença de padrões em suas narrativas, enquanto problematiza a representação por meio do olhar de um showrunner cisgênero heterossexual. A pesquisa ressalta a necessidade de avanços na representação autêntica e inclusiva das personagens LGBTQIAP+ em produções de horror, contribuindo para ampliar a diversidade no cenário audiovisual.

PALAVRAS-CHAVE: Representação LGBTQIAP+; Estigmas e estereótipos; A Maldição da Mansão Bly; Diversidade.

INTRODUÇÃO

Em 2018, foi lançada pela Netflix a minissérie “A Maldição da Residência Hill”, primeira ficção seriada criada e dirigida pelo showrunner Mike Flanagan, que anteriormente trabalhou majoritariamente nos cinemas, tendo dirigido obras como “Absentia”, “Hush – A Morte Ouve”, “Jogo Perigoso”, entre outros. A premissa da produção era criar uma narrativa de horror a partir de uma mansão história clássica de mansão assombrada, tendo como base em sua primeira temporada o livro “A Assombração da Casa da Colina” de Shirley Jackson.

Quando lançada, a produção chamou a atenção dos críticos e do grande público do horror, ganhando então uma renovação para uma nova temporada. Porém com a primeira temporada já encerrada e sem margem para novas histórias, a produção optou por criar uma antologia de horror, utilizando outra história como base para esta continuação, reciclando alguns membros do elenco, agora em outros papéis.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Alteridade e Diversidade, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando em Comunicação pela Universidade Anhembi Morumbi, com bolsa CAPES/PROSUP, e-mail: lucasfontanellaferraz@gmail.com.

E assim estreou em 2020 a minissérie “A Maldição da Mansão Bly”, desta vez baseada na obra do autor inglês Henry James, adaptando a famosa novela “A Outra Volta do Parafuso” e algumas referências a outros contos do autor ao longo da produção.

Algo em comum nestas duas produções que queremos destacar, é a presença de personagens LGBTQIAP+ em seu núcleo. Em “A Maldição da Residência Hill”, uma das personagens do núcleo familiar, cuja história da série gira em torno, é declaradamente lésbica. Já em “A Maldição da Mansão Bly”, a representação lésbica está presente na protagonista, Dani Clayton.

Nas obras seriadas lançadas posteriormente por Mike Flanagan para a Netflix, a minissérie “Missa da Meia-Noite” e a série “Clube da Meia-Noite”, também temos em seu núcleo coadjuvante personagens declaradamente LGBTQIAP+.

Com isso, retornamos para a minissérie “A Maldição da Mansão Bly”, de Mike Flanagan, que se torna um objeto de interessante de análise, tanto pelo protagonismo de uma personagem LGBTQIAP+, como já dissemos anteriormente, quanto pelo fato de se tratar de uma produção de um gênero que normalmente não valoriza a diversidade quando olhamos de uma perspectiva mais ampla.

Serão analisados dois episódios da produção, onde focaremos nossa atenção em momentos em como se dá a representação LGBTQIAP+ na construção das personagens, a fim de entendermos se há, nessa construção, algum grau de estereotipagem ou estigmas na narrativa das personagens incluídas nessa comunidade.

Foi realizado para este trabalho uma breve pesquisa sobre o estado da arte sobre o assunto. A nível nacional, encontramos dois trabalhos que mais conversam com nosso tema.

O primeiro, um trabalho de conclusão de curso de graduação em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, escrito pela Gislaíne Alvez Cruz em 2022, onde a pesquisadora analisa a personagem Dani Clayton da série em questão a partir de uma construção queer. Aqui, a pesquisa se deu a partir de uma conceituação sobre Teoria Queer, sobre o gótico e sobre o sublime. Logo, se distancia sobre nosso trabalho e não se adentra na questão de recepção.

O segundo, escrito pelo Dr. Marcio Serelle, é um artigo onde o autor discute sobre adaptação como ficção expandida na série contemporânea, utilizando “A Maldição da Mansão Bly” como exemplo para sua discussão. Apesar das interessantes considerações,

não nos aprofundaremos neste artigo sobre este conceito, pois nosso foco é na representação de grupos minoritários e sobre a recepção da obra.

ESTIGMAS, ESTERÉOTIPOS E PRECONCEITOS

Para adentrarmos em nossa análise, será necessário recorrermos a alguns conceitos relacionados estigmas e estereótipos.

Definindo estigma, Goffman diz:

O termo estigma (...) será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem honroso nem desonroso. (GOFFMAN, 2008, p. 13)

Goffman (2008) ainda menciona três tipos de estigma que são diferentes entre si: a) abominações do corpo, onde entram as deformidades físicas e aparentes; b) as culpas de caráter individual, onde se encaixam as “paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, (...) distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo” e assim por diante; e c) os estigmas tribais de raça, nação e religião.

Porém, mesmo com estas classificações, existe um denominador comum entre todas essas características:

Um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode-se impor à atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. Ele possui um estigma, uma característica diferente do que havíamos previsto. (GOFFMAN, 2008, p. 14)

Segundo Hall (2016, p. 191), em seu livro “Cultura e Representação,” a estereotipagem “reduz, essencializa, naturaliza e fixa a ‘diferença’”. Além disso, “implanta uma estratégia de ‘cisão’, que divide o normal e aceitável do anormal e inaceitável. Em seguida, exclui ou expelle tudo o que não cabe, que é diferente. Ela também tem como característica uma “prática de fechamento e exclusão”.

A estereotipagem é, em outras palavras, parte da manutenção da ordem social e simbólica. Ela estabelece uma fronteira simbólica entre o "normal" e o "pervertido", o "normal" e o "patológico", o "aceitável" e o "inaceitável", o "pertencente" e o que não

pertence ou é o "Outro", entre "pessoas de dentro" (insiders) e "forasteiros" (outsiders), entre nós e entre eles. (HALL, 2016, p. 192)

Essa prática de estereotipagem ainda “facilita a ‘vinculação’, os laços, de todos nós que somos ‘normais’ em uma ‘comunidade imaginária’, e envia para o exílio simbólico todos (...) ‘os Outros’, que são de alguma forma diferentes”. (HALL, 2016, p. 192)

Segundo Soares (2009) “ao identificar determinadas posturas ou comportamentos automaticamente enquadrados as pessoas que os possuem em categorias previamente definidas.” A autora ainda nos traz para nossa discussão sobre estigma e estereotipagem outro termo pertinente: o preconceito. Sobre isso, diz:

Os preconceitos, diferentemente dos estigmas operam como julgamentos a priori realizados sobre um grupo ou um indivíduo. Podemos dizer que os estigmas, mais abrangentes, se encontram na base dos preconceitos. Estes, por sua vez, depois de serem socialmente instituídos e individualmente internalizados, passam a existir independentemente dos estigmas que os possam ter originado, naturalizando-se e, com isso, tornando-se estáveis na sociedade. (p. 1)

E ainda completa:

Através dos estereótipos, encaixamos as pessoas em uma forma pronta. No caso dos estigmas, trata-se de algo que o estigmatizado evoca em relação ao Outro, uma marca que ele possui e que, de alguma maneira, faz com que o outro o estigmatize. Podemos dizer que o conjunto dessas marcas sustenta o estereótipo e o preconceito. (SOARES, 2009, p. 2)

A MALDIÇÃO DA MANSÃO BLY

“A Maldição da Mansão Bly” é uma minissérie americana que possui um total de nove episódios, que foram lançados simultaneamente no dia 09 de outubro de 2020 na plataforma de streaming Netflix. A produção tem como showrunner Mike Flanagan, que divide aqui as funções de roteiro e direção com outros profissionais (algo que não fez em “A Maldição da Residência Hill”, onde dirigiu todos os 10 episódios).

A minissérie é baseada, principalmente, na novela “A Outra Volta do Parafuso” de 1898 do inglês Henry James, e flerta, ainda, com outras histórias do autor. Aqui, acompanhamos Dani Clayton (interpretada por Victoria Pedretti), uma americana que está no Reino Unido em busca de um emprego de au pair. Pouco sabemos sobre seu passado, porém fica nítido que a personagem está fugindo de algo. Além disso, é

assombrada por um fantasma de um homem usando óculos com reflexos luminosos, que sempre aparece para ela em reflexos. Logo, surge uma proposta de trabalhar em uma mansão isolada da cidade, onde tem a incumbência de cuidar de dois órfãos: Flora e Miles. Além disso, somos apresentados a governanta da casa, Hannah Grove (interpretada por T'nia Miller), ao cozinheiro Owen (interpretado por Rahul Kohli) e à jardineira Jamie (interpretada por Amelia Eve). Porém, fatos estranhos começam a acontecer na mansão, aparições de personagens que já passaram pela mansão, assim como histórias do passado voltam para assombrar nossos personagens.

Para este artigo, iremos trabalhar com base em dois episódios. O episódio de número quatro, chamado “Perdas e Culpa” (*The Way it Came*), e o de número nove, chamado de “Fera na Selva” (*The Beast in the Jungle*). Estes episódios foram selecionados por serem os dois mais importantes para a história do casal Dani e Jamie, onde entendemos tanto o passado das personagens, quanto do que aconteceu com ambas após os eventos da mansão.

Começaremos com o episódio 4: Perdas e Culpa (*The Way it came*). Aqui, somos apresentados ao passado de Dani na América, assim como, na temporalidade do presente, acompanhamos uma discussão sobre perda e luto perante a morte da mãe de Owen, onde os personagens se abrem em uma reunião após o velório e contam seus sentimentos uns aos outros.

Ficamos conhecendo um pouco mais sobre o passado de Dani. Sabemos que ela era noiva de seu melhor amigo, Edmund, cujo relacionamento vem desde os tempos de infância. Porém, próximo ao casamento, Dani apresenta indícios de que não se reconhece como heterossexual, e decide terminar com o noivo às vésperas do casamento. Em um momento de animosidade após uma briga dentro do carro, seu noivo sai de forma abrupta do carro e é atropelado, vindo a falecer pouco tempo depois no hospital.

A partir deste momento, Dani segue sendo assombrada pelo fantasma, que aparece principalmente em reflexos, e pela culpa sobre o ocorrido, algo não revelado para ninguém próximo e que se torna um fardo para carregar. A primeira aparição acontece logo em seguida de Dani e familiares do rapaz receberam a notícia de sua morte, ainda no hospital.

Aqui já começamos a perceber, na percepção da personagem, as consequências que sua sexualidade trouxe para sua vida. Quando tentou se abrir para o melhor amigo, este morreu com o segredo e ainda fez com que, após o evento, todos ao seu redor

sentissem pena da, agora, ex-noiva e se solidarizavam em como ela estava enfrentando aquele momento de forma forte.

Logo após, no velório, vemos novamente a presença do fantasma: enquanto recebe as condolências de conhecidos, e inclusive a solidariedade de sua sogra perante sua postura forte neste momento, Dani vê novamente Edmond no reflexo, desta vez mais próximo a ela.

Aqui podemos fazer uma analogia sobre esta assombração e o sentimento de culpa que a personagem carrega a partir da morte de Edmund. Em uma primeira camada, temos a culpa pela morte de seu melhor amigo e pelo que ocasionou seu acidente: o término da relação, algo que ninguém mais ficou sabendo. Porém, ao analisarmos o motivo do término e o que se seguiu na vida da personagem, podemos fazer uma relação entre sua sexualidade e a culpa por ser “diferente” (perante a visão da sociedade). Culpa esta que a persegue em todos os lugares e que é frequentemente lembrada em cada reflexo que Dani encontra pelo caminho. Quase que como se já fizesse parte do reflexo que a própria Dani tem de si mesma.

Logo, para fugir desta realidade, Dani se muda de forma repentina e sem grande alarde para o Reino Unido, buscando se recompor e superar o passado, longe daquilo que a machucava. E aqui temos, de fato, o início da série apresentado já no primeiro episódio.

Ainda neste episódio, Dani começa a se abrir mais para a jardineira Jamie, personagem que virá a ser seu novo interesse amoroso. Porém, o fantasma de Edmund segue em seu encalço, junto com a culpa que carrega por tudo que aconteceu no passado, fazendo com que Dani não consiga seguir sua vida e, principalmente, seguir com sua sexualidade de forma plena.

Em um momento de mais intimidade com Jamie, Dani conta sobre seu noivo e sobre o fantasma que a persegue. Jamie leva isso de forma leve e brincalhona, mas entendendo a culpa que Dani carrega. Quando elas finalmente têm seu primeiro beijo, a imagem de Edmund aparece novamente, desta vez não em um reflexo, mas atrás de Jamie, fazendo com que Dani, novamente, se lembre daquilo que a machuca e se afaste de Jamie, criando ali uma tensão entre elas.

Após este momento, Dani percebe que, para conseguir seguir adiante, ela precisará se livrar deste sentimento de culpa (e por consequência, do fantasma de Edmund). Descobrimos que sua sogra deixou com ela os óculos que o personagem utilizava quando

sofreu o fatal acidente, que inclusive é o item mais marcante do fantasma quando aparece em tela (pois foi a última coisa que ele viu em vida, os faróis do veículo que o atropelou).

Ao final do episódio, Dani decide jogar os óculos do falecido na fogueira, como que um ritual para deixar para trás seu passado, e abrisse caminho para um futuro. O fantasma de Edmond aparece novamente e aqui, pela primeira vez, Dani decide se sentar e “enfrentar” a aparição, quando o episódio acaba. Nos episódios seguintes, o fantasma de Edmund não aparece mais, e este plot é dado como encerrado, tanto pela personagem quando pelos autores da obra, que não mais retomam ao ocorrido ou ao passado de Dani. Podemos, então, entender que a culpa se foi e que a partir de agora Dani pode ser ela mesma, e seguir no novo relacionamento.

Agora vamos para o episódio de número 9, e último da série, intitulado “Fera na Selva” (*The Beast in the Jungle*). Este episódio serve como encerramento do plot principal da série e nos conta o que houve depois dos fatos ocorridos, quase que como um epílogo (fazendo aqui uma analogia com a literatura).

Vemos Dani realizando um sacrifício para salvar Flora, que está sendo levada para o fundo do lago pelo fantasma da moça do lago (que é a principal responsável pela presença dos fantasmas enclausurados na Mansão Bly, assim como é responsável pela morte de vários/ deles). Na cena, ela permite que a assombração habite dentro de seu corpo (dizendo a fala bastante repetida nos últimos episódios: “É você, sou eu, somos nós”³), salvando, assim, Flora e libertando todos os fantasmas da mansão, já que agora a assombração não mais vivia ali na mansão.

Esse fato, porém, é algo que vem a perseguir Dani pelo resto de sua vida. No epílogo, vemos que ela se juntou com Jamie e que estão vivendo juntas na cidade há cinco anos. Romance que evolui para um pedido de casamento, comemorado por ambas neste episódio. Porém, logo a fantasma sem rosto começa a aparecer para Dani, novamente através de reflexos, da mesma forma que Edmund aparecia.

Esse fato leva ao desfecho de suas histórias, já que atormentada pelas visões, Dani retorna para Mansão Bly e se suicida no lago, encerrando assim a história de romance das duas, como também a “maldição” do título.

³ Do original: “It’s you, It’s me, It’s us.”

Aqui podemos entender que, mesmo após se libertar do fantasma de Edmund, Dani precisou conviver com outro fantasma, um agora sem rosto, que carregou dentro de si durante anos, até o momento em que resolve aparecer novamente.

Aqui podemos entender que, mesmo após se libertar do fantasma de Edmund, Dani precisou conviver com outro fantasma, um agora sem rosto, que carregou dentro de si durante anos, até o momento em que resolve aparecer novamente.

Como vemos nos dois episódios analisados, encontramos tanto a marca do estigma (presente desde o começo devido a sexualidade da personagem, que se enquadra, segundo Goffman, na categoria de culpas de caráter individual) quanto a de estereotipagem desta personagem.

Destacamos aqui como estereótipos de uma personagem homossexual: a necessidade de sair de casa após a aceitação de sua sexualidade, a culpa que carrega de diversas maneiras no decorrer da série, e que vemos nos dois episódios selecionados, onde mesmo quando supera um dos traumas, vêm outro para carregar pelo resto de sua vida.

Podemos notar, ainda, que a personagem não possui um final tradicionalmente feliz, já que mesmo estando em uma vida que considera perfeita, carrega o peso de suas escolhas no passado, que vêm cobrar seu preço depois de alguns anos ao lado de Jamie. Podemos problematizar esta situação, quando pensamos que será que uma personagem LGBTQIAP+ precisa ter um final trágico? Não existe possibilidade de um desfecho feliz para esta história?

No último episódio, após contar sua história, Flora diz para Jamie que ela se equivocou ao falar que era uma história de fantasmas; que aquela era uma história de amor. E Jamie responde: mesma coisa, acredite. (tradução do autor⁴).

Vemos novamente que o amor neste caso precisa, necessariamente, carregar um fardo, uma tragédia. Tanto que a personagem que viveu tudo isso considera a mesma coisa que uma história de fantasmas.

Jamie, ainda, carregou consigo todo o trauma vivido nesta relação, já que após o ocorrido, seguiu sozinha, sob o luto por Dani e na expectativa de vê-la novamente. Podemos problematizar novamente, seria o destino de um personagem LGBTQIAP+ acabar sozinho?

⁴ Diálogo original

Flora: - I liked your story. (...) But I think you set it up wrong, in the beginning. (...) You said it was a ghost story. It isn't. It's a love story.

Jamie: - Same thing, really.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A Maldição da Mansão Bly” possui elementos que flertam com a uma tentativa de apresentar um certo grau de diversidade quando tenta dar visibilidade a uma protagonista lésbica, mas ainda assim não consegue fugir dos – inclusive os reforça – estereótipos impregnados no pensamento coletivo e acaba por esbarrar em clichês narrativos que levam para um lugar já conhecido pela população LGBTQIAP+.

Podemos dizer que, dentro dessa narrativa, entendemos como estereótipos: a necessidade de sair de casa, os dilemas de aceitação, carregar traumas e cicatrizes em suas vidas, ou ainda quando notamos que a felicidade que as personagens apresentam é temporária, tendo seu desfecho marcado por uma tragédia, e com a personagem Jamie terminando sua narrativa sozinha e isolada dos outros, ainda na sombra daquele luto. Quase que como uma jornada trágica de uma personagem inserida nesta comunidade.

E ainda vale considerarmos que a produção tem como showrunner um homem cis, heterossexual e branco, e que não está livre de reforçar estereótipos e acabar caindo em um caminho comum. Não podemos negligenciar sua tentativa de visibilizar uma população minoritária, porém faltou trabalhar uma narrativa para que se diferenciasse, de fato, das outras histórias que vemos em produções queer.

Em suma, a análise da representatividade lésbica na minissérie "A Maldição da Mansão Bly" revela a presença de estereótipos que limitam a experiência das personagens LGBTQIAP+ dentro da narrativa. É essencial que futuras produções busquem ir além dos estereótipos e trabalhem para oferecer narrativas autênticas e significativas para as personagens LGBTQIAP+, a fim de ampliar a diversidade e promover uma representação mais inclusiva nas produções seriadas de horror. Somente assim poderemos avançar em direção a uma indústria audiovisual que abrace verdadeiramente a diversidade e dê voz a todas as comunidades.

REFERÊNCIAS

CRUZ, G.A. **É você, sou eu, somos nós: a construção Queer de Dani Clayton em a Maldição da Mansão Bly (2020), de Mike Flanagan.** 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/240137>.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri.2016.

FLANAGAN, M. (Criador) (2020). **A maldição da mansão Bly** [Série televisiva]. Netflix.

FLANAGAN, M. (Criador) (2018). **A maldição da residência Hill** [Série televisiva]. Netflix.

SERELLE, M. **A adaptação como ficção expandida na série contemporânea**. MATRIZES, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 21-36, 2023. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v17i1p21-36. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/200134>. Acesso em: 25 jun. 2023.

SOARES, R. L. **De palavras e imagens: estigmas sociais em discursos audiovisuais**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós, Brasília, v.12, n.1, jan./abr. 2009.